



PASITO A PASITO, CRUZANDO FRONTERAS

histórias de crianças venezuelanas



rede
infâncias
protagonistas
migração * arte * educação





Nuestros pasitos juntos

A Casa Bom Samaritano é um centro de acolhida administrado pela Associação Voluntários para o Serviço Internacional (AVSI-BRASIL) e pelo Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH) que promove a interiorização de famílias imigrantes e refugiadas venezuelanas por meio do projeto Acolhidos pelo Trabalho. Desde junho de 2022 o Grupo de Pesquisa Imagens e(m) Cena, do Departamento de Artes Cênicas da UnB, começou a desenvolver atividades lúdicas com as crianças moradoras de Casa, sempre na perspectiva de que elas seriam as protagonistas do processo. Já atuaram no projeto quatro bolsistas de ensino médio (PIBITI), Emilly de Britto Dutra, Sofia de Oliveira Felício da Silva, Manuelys Del Valle Quiaragua Pericana e Ruth Nohemi Rodriguez Montano, três pesquisadores de iniciação científica de graduação (PIBIC), Ana Luiza Ramos da Silva, Gregório Borges e Camila Damas, uma estudante de mestrado, Thaís Felizardo, duas de doutorado, Débora Vieira e Cristina Leite, bem como duas pós-doutorandas, Luciana Paz e Roselete Aviz. Manuelys e Ruth foram moradoras da Casa e ao se integrarem à equipe como jovens pesquisadoras fizeram diferença no processo. Todas nós, adultas, jovens e crianças, aprendemos sobre as potencialidades lúdicas dos diferentes espaços da Casa, para além da brinquedoteca (excelente!), como o auditório, o pátio, o refeitório e a sala de leitura. Em todos esses espaços brincamos e compartilhamos histórias. Queremos agradecer às crianças venezuelanas que generosamente partilharam suas memórias, desejos e sonhos conosco. Este livro é para elas e para todos os brasileiros que queiram conhecê-las.

* Nossos agradecimentos especiais à Irmã Rosita Milesi - Diretora do IMDH, Paulo Heider Tavares - Coordenador da Casa Bom Samaritano e à equipe da Casa, que sempre nos receberam tão bem: Milena, Bianka, Stephanie e Luiz Guilherme; às agências de fomento FAPDF e CNPq, que concederam bolsas e recursos para que pudéssemos nos encontrar uma vez por semana com as crianças da Casa; e ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, que é nossa casa de pesquisa, encontro e troca de conhecimentos e afetos.

Luciana Hartmann - coordenadora da Rede Infâncias Protagonistas: migração, arte e educação.

SUMÁRIO

En Venezuela / Na Venezuela.....	3
El cruce / A Travessia.....	6
En el abrigo / No abrigo.....	12
Tengo miedo de / Tenho medo de.....	14
En la escuela / Na escola.....	16
Canción (Los Pollitos Dicen).....	20
La rodilla Samuel.....	21
Liga Pontos.....	22
Palavras Cruzadas.....	23





En Venezuela / Na Venezuela

Angélica (10 anos): Na Venezuela eu morava no campo porque minha avó me queria junto dela. Então, eu não ficava em Barcelona¹, eu ficava no campo. Minha mãe, meu irmão e meu pai sim, eles ficavam na cidade. Na casa da minha avó tinha cavalo, vaca e burros. Sabe o que é burro? Eu ajudava muito a minha avó: a agarrar as galinhas para dar comida a elas, a banhar os cavalos. Minha avó tirava leite das vacas e era muito gostoso, tia! E eu estava aprendendo a tirar o leite e o tomava! Um dia minha avó me mandou tirar leite. Então, eu tomei todo o leite. Quando cheguei com o copo vazio, minha avó brigou comigo: “Onde está o leite que eu mandei você buscar?” Eu respondi: “Eu tomei!” E ela disse: “O quê?” (risos)

¹ Barcelona, capital do estado de Anzoátegui, na Venezuela.



Stephany (18 años): Na Venezuela era muito bom, sabe!? Porque eu saía muito e tudo ficava perto... Aqui em Brasília tudo fica longe. Lá tinha quase toda a minha família perto. (...) E, bem, meu futuro será... Quero ser uma empresária, mas não sei. Quero realizar esse sonho, continuar estudando para realizar o que eu quero.

Juan (11 años): Eh... Mi familia se quedó... Yo tengo familia en Colombia y mi mamá tiene familia también en Estados Unidos. Y mi hermano, mi hermana... Mi hermana mayor se quedó en Venezuela. Tengo una foto de ella. Y tengo otra foto del papá de mi papá, la mamá de mi mamá, el papá de mi papá, de mi mamá también. Todos esos familiares siguen en Venezuela.



Angel (11 anos): Allá eramos seis en esa casa. Pero, donde nosotros vivíamos, era como un callejón. Ahí se la pasaban diciendo malas palabras. A veces iban hasta policías. En la escuela yo estudiaba desde las 7 hasta las 12. Entonces no me gustaba mucho estar ahí. Me daba miedo ir al baño. Por donde uno cruzaba para ir al baño, había un hueco y ahí había culebras.

Ana (8 anos): En Venezuela hay montañas y playas. (...) Mi papá tenía?... Nosotros vivíamos alquilando una casa. Y ahí había una piscina. Y vivíamos ahí bien. Porque mi papá salía a comprar una pizza, una hamburguesa. Y me gustaba estar ahí, me gustaba . Todavía me gusta...



Sugestão de interação: Você sabe onde fica a Venezuela? Você conhece os países que fazem parte da América do Sul? Que tal procurar no mapa, descobrir quantos são e escrever os nomes dos países aqui?



El cruce / A Travessia

Karely (13 años): Venimos en autobús, viajamos dos días y llegamos a Pacaraima. Y allí fuimos procesando nuestros documentos. Nos quedamos en Pacaraima, por esos papeles, dos meses. Porque era muy difícil, muchos papeles... después ahí nos abrigaron. Cuando estaban los papeles listos, salimos en una lista que teníamos que viajar a Boa Vista. En Boa Vista (Roraima) no tuvimos que hacer nada, sino esperar el vuelo para donde nos debíamos ir. Cuando es abrigo a abrigo, tú puedes viajar por ACNUR, por medio del Programa Acolhidos²... Entonces papi prefirió Acolhidos. Entonces salimos en la lista y tomamos el avión y llegamos aquí, a Brasília.

²A Operação Acolhida, iniciada em 2018 pelo Governo Federal, busca alocar migrantes internacionais vindos da fronteira venezuelana de Roraima para outras cidades do Brasil, proporcionando assistência social. Envolve instâncias do governo, Forças Armadas, órgãos judiciais, organizações internacionais como OIM, ACNUR, UNICEF, entre outras da sociedade civil.



Emily (12 anos): Nosotros pasamos tres noches y tres días en un microbús. El primer día este se quedó atorado y casi se voltea, así (demuestra con gestos). Como todo estaba un charco y había unos huecos en el camino, entonces el microbús iba y se movía para allá y para acá. Y el microbús, después tuvieron que sacarlo, o sea, entre la gente que pasaba. Todos ayudamos a sacarlo. Y de ahí el viaje fue normal.

Angélica (10 anos): Quando eu saí da Venezuela eu passei muitas coisas... eu passei pelas trilhas... Eu caminhei muito, tia! Toda a minha família veio caminhando. Foram três dias de caminhada. Os pés doíam muito. Uma senhora deu para minha mãe uma sandália e a minha mãe agradeceu: "Obrigada!", mas a sandália estava estragada. Então, os pés da minha mãe queimaram, tudo queimou. Cortaram o couro, os dedos e as unhas se arrancavam. (...) Então eu perguntei pra minha mãe e ela falou que aguentava. E foram dois, três, sete dias ... cinco dias sem comer (...) Meu tio fez uma fogueira na mata. Eram duas famílias juntas, com meu tio e minha tia. (...)



Angélica (10 anos): (...) Minha tia estava grávida... Com a barriga grande. (...) E graças a Deus... Deus mandou um anjo que nos deu carona até o Brasil. Quando chegamos no Brasil, minha mãe olhou e era muito lindo. (...) Em Boa Vista ficamos em um abrigo que se chamava Rondon 5. Lá tinha muitas famílias! Eu fiz muitos amigos lá. Eu chorei muito, eu chorei muito quando eu vim para cá. Nós ficamos lá por sete meses. Em Boa Vista eu não estudei. Foi agora que eu comecei a estudar

Maikel (13 anos): En Venezuela agarramos un autobús y después otro. Tuvimos que dormir una noche en la calle. Después vino otro autobús, se paró y nos llevó hasta una tienda de comer. Comimos, llegamos a la frontera y después de allí caminamos, caminamos... Después nos vacunaron. A mí me metieron dos vacunas. Después llegamos a una iglesia y nos dijeron para dónde teníamos que ir, porque uno no sabía cómo venir para acá. Después nos metimos en un refugio, refugio de Pricumã (Boa Vista). Después de Pricumã nos pasaron para el Rondon 5 y después nada más . Después nos vinimos para acá.



Luis (13 años): Bueno, antes de venir para acá, para Brasil, nosotros estuvimos en Colombia, en Ecuador y en Perú, pero... nos pasaron muchas cosas malas allá, nos robaron... fuimos para Ecuador a buscar una vida mejor, pero nos robaron. Y volvimos otra vez para atrás. (...) Y en Perú?? teníamos que cruzar en bote y nadie nos quería llevar. No teníamos dinero y por eso no nos dejaron pasar y mi papá tuvo la idea de venirnos acá, a Brasil. Llegamos a Pacaraima, de Pacaraima llegamos a Boa Vista y aquí estamos (...) Duramos seis meses en Ecuador. Como no había escuela para mí, no estudié. A veces mi papá trabajaba, a veces no, porque no había mucho trabajo y... y yo me puse a ayudar a mi papá y a mi mamá. ¿Sabes? Esas cosas de ladrillera, haciendo ladrillos, ¿no? Yo sé hacer ladrillos. Ah, yo aprendí eso. Em Perú, como no conseguimos pasar, otra vez nos dirigimos a Venezuela. Y después de Venezuela, venimos para acá.



José (13 anos): Nós fizemos uma viagem e depois mudamos para a casa em que meu pai estava trabalhando. E depois nos mudamos para o Brasil. Faz um ano que viemos para cá. Ficamos um ano em Boa Vista, no Rondon 4. Não era feio, mas não tinha trabalho lá em Boa Vista. Às vezes, meu pai fazia diárias como pedreiro e lhe davam 50 reais, 70 reais... Vim para Brasília com meu pai, com minha madrasta e meu irmão. Minha mãe está lá em Boa Vista com meus 3 irmãos. Somos cinco irmãos, três meninas e dois meninos. As meninas ficaram com minha mãe. Ela vai para Santa Catarina. Pode ser que ela mande nos buscar daqui um tempo.

Anthony (11 anos): Antes de quebrar meu pé, nós tivemos que ir para o Brasil. Aí eu cheguei em Boa Vista. É... cheguei em Roraima e fiquei por sete meses em abrigos diferentes: três meses no Rondon 2, três meses no Rondon 5 e agora estou aqui em Brasília. Aí meu 'abrigo' ajudou a gente a sair de Roraima. Conheci muito brasileiro mau. Sim, bem mau! Mas, tem gente que quer ajudar os imigrantes e é bom.



Albany (18 anos): Mi papá nos envió el dinero para el pasaje para venir... Porque mi papá ya estaba aquí en Minas Gerais. Después volvió a Boa Vista para hacer el proceso de interiorización. Duramos tres días en Pacaraima. No nos gustó porque hay mucha gente y se hacían unas colas inmensas... Pero igual, cuando fuimos al abrigo del PRA (Posto de Recepção e Apoio – Operação Acolhida) en Boa Vista era prácticamente lo mismo, pero nos tuvimos que adaptar hasta que llegara mi papá. Caminamos mucho para llegar a Boa Vista, pero conseguimos... Conseguimos tres ou cuatro colas (caronas), pero teníamos que estar tapados. Tapados para que la policía no nos multe. ¡No, en serio! Porque aquí andar con personas detrás no es permitido en una camioneta. Entonces nosotros teníamos que taparnos. Estábamos nosotros y tres personas más. Esas personas fueron las que nos dijeron para venir para Boa Vista. Ellos duraron unos días en el abrigo y después se fueron. (...) Yo no trato mucho con las personas, soy como que alejada, solitaria.

 **Sugestão de interação:** Que tal desenhar uma viagem que você e sua família fizeram?




En el abrigo / No abrigo

Andrew (13 años): La primera vez que estuve en Pricumã (Boa Vista) llovía muy fuerte, muy fuerte. Se llevó un toldo, se cayó. Se cayó y le pegó a una carpa así: Bum!!! Si la señora estuviera ahí, se habría matado. Y los postes se cayeron. Un niño iba caminando y casi lo pega. Si le pegaba iba a morir el pequeño. Y las personas gritaban. Un señor se desmayó, un viejito, porque cuando llueve así todo el mundo sale corriendo. Y la casa se movía así: Bum, bum, bum! Una carpa se le voló el techo. Y después se cayó el techo del comedor, las sillas volaron. Y todo el mundo se metía en el banheiro porque el banheiro es duro, es un container. (...) Y cuando pasó esto se metieron un montón de gente en los containers, porque como las carpas son flojas y se vuelan, nos metimos en el container. El container como es de hierro, es pesado, no puede volar. Nos metimos ahí toditos. Y yo estaba gritando y llorando: Uuuuuuhhhh!



Richard (13 años): Un abrigo es un lugar como éste, pero grande... Estructuras no había. Solo había carpas, carpas así de pequeña. Vivíamos ahí, pero es una cosa grande, miles de carpas. Y ahí vivíamos... Yo no salía a ningún lado porque me quedaba encerrado en la carpa. Mi hermana se escapaba a jugar, yo me quedaba en la carpa, solo. A veces barría, a veces me quedaba dormido.

 **Sugerencia de interacción:** ¿Has estado alguna vez en un refugio? ¿Qué sentimientos despiertan en ti cuando piensas en refugio? ¿Qué te parece escribir estos sentimientos aquí?



Tengo miedo de / Tenho medo de

Angélica (10 anos): Um dia minha tia estava dormindo e eu também. Na casa da minha tia caiu uma bruxa. Tinha um buraquinho assim... Eu olhei por ali e era uma bruxa feia, tinha as unhas grandes e uma capa preta, muito feia. E eu falei sério: "O sangue de Cristo tem poder!" e ela foi embora. Então, no outro dia, às 12 horas, minha tia despertou e foi quando caiu a bruxa. A bruxa "Pum!". E minha tia falou: "O sangue de Cristo tem poder! E amanhã te espero, amanhã te espero! Vou esperar você aqui para dar sal." E ela, verdade, ela caiu na mata: "Pum"! E depois, meu tio colocou uma armadilha na mata e a matou. Meu tio matou a bruxa!



Jeremy (11 anos): En Venezuela están el Silbon, la Llorona, y la Sayona... La Llorona y La Sayona son como prácticamente lo mismo. Pero el Silbón es diferente, porque un hijo mató al abuelo, y pues eso fue que cuando quedó el espíritu, se quedó el espíritu. Y ahora ya no están en Venezuela porque la gente se está yendo de ahí por la situación, pero antes que nos pasara la situación ellos ya estaban ahí. Uno no podía estar demasiado noche en la calle, a jugar cualquier cosa... Mientras oía cualquier cosa así en la... en las canchas, en cosas oscuras... Porque cuando él Silbón silbaba cerca, estaba lejos y cuando silbaba lejos, es porque estaba cerca.

Ana (8 anos): El Silbón³ comienza así (ela assobia). Comienza a silbar, comienza a silbar, hasta que dice: "Ay! Voy a llevar a los niños que están silbando". Yo no silbo en la noche, porque en la noche está el Silbón.



Sugestão de interação: Você conhece alguma história de arrepiar? O que acha de contar essa história com um desenho? Pode até fazer mais de um desenho ou mais de uma história!

³"El Silbón" é uma lenda muito conhecida na Venezuela e na Colômbia.



En la escuela / Na escola

Angélica (10 años): Eu gosto da escola. Minha professora é muito bonita e trata as pessoas bem. Ela se chama tia. Estou no quarto ano. Meu irmão ia passar para o primeiro ano, mas deixaram ele no terceiro. Na Venezuela eu estava no sexto ano, não sei como se diz aqui. E aqui me colocaram no quarto ano porque para participar do sexto tinha muita prova. Fui bem graças a Deus! Eu pedi muito a Deus e Ele me ajudou. Na minha escola tem outras crianças venezuelanas. Eu entendo português, eu entendo e muito. A tia, às vezes, fala umas coisas que não entendo: Então, eu fico assim olhando para ela. Aí ela fala mais devagar para que eu possa entender.

Gianna (13 años): Yo estaba jugando escondite con mi hermano y con unos amigos. Y el niño estaba contando, yo me escondí donde estaba todo oscuro y ahí no me veían y de pronto escuché a la "Llorona" (...)



Gianna (13 años): (...) ella salió y estaba diciendo: “Mis hiiiiijooooos” ... Y yo me asusté y me fui para la casa. Y de ahí no volví a jugar más con ellos, de noche. (...) La Llorona es así, ella grita... “Ay, mis hiiiiijooooos. Ay, mis hiiiiijooooos” cuentan que ella ahogó a sus hijos, ella los mató... ¡En una piscina?, ¡En una playa? ¡En un río?.. Ella los ahogó, los metió todos en el agua. Y se ahogaron, toditos los hijos de ella.

Jeremy (11 años): La escuela es casi lo mismo, verdad. Yo llegué, no me preguntaron nada, pero me pusieron ese grado, verdad. Fue porque no me preguntaron, no me hicieron ninguna prueba, ni nada de eso. Fue porque yo estaba en Boa Vista en 7C. Me pasaron para B. Me subieron más o menos una sección Y Yo llegué y me senté, me preguntaron mi nombre, tuve que llevar un papel a las profesoras, me asignaron un salón (sala) y me preguntaron la llamada y lo demás, que, si sabía hablar portugués, yo dije que un poquito, de dónde viene... y les dije a ellos que era venezolano, que yo hablaba español, y ellos pensaron que yo era de España, y yo dije no, que era venezolano.



Melany (6 anos): Hoje, a escola ligou para os meus pais e disseram que eu não devia ir porque eu vou me perder. (...) Minha professora, que se chama Luciana, não veio porque estava doente. Ela faltou. E quando tocou a campainha do recreio uma senhora nos colocou para ter aula com outros alunos. Eu passei mal... As crianças que estavam nessa turma eram tão grandes que podiam estar no sexto ano. Era inacreditável, porque eram tão grandes os meninos e faziam muito barulho. Então quando soou a campainha de recreio: Pamm!!! Fui ao recreio lá fora e quando voltei me vi completamente diferente e estava perambulando pela escola, perambulando, perambulando... E aí uma menina me perguntou o que estava acontecendo. Então, eu disse a ela que me perdi. Só essa menina me ajudou a ir para a minha sala.

Helen (11 anos): En la escuela estoy en cuarto año, porque cuando yo estaba haciendo la prueba no presté atención, y por eso fue que me pasaron para cuarto. Y en Venezuela iba para sexto grado. (...) Mamá quería... Ella quería que me matricularan en el mismo grado que estaba en Venezuela. (...)



Helen (11 anos): (...) La directora de la escuela dijo que primero se hace una prueba. Entonces, yo hice la prueba, pero estaba muy nerviosa, y el día de la prueba conocí una niña, entonces empezamos a hablar y yo no estaba prestando atención a la prueba. Era prueba de matemática, lenguaje e historia. Tenía cosas en portugués, y español ... No me acuerdo muy bien. La maestra nos explicó al principio, pero después a mí me daba pena decirle que yo no entendía. Y no le pregunté. Y fue por eso que me retrasaron de año. Aquí se me hizo difícil la escuela, pero mi papi me descargó una aplicación que era para aprender portugués. Yo estuve en un curso de portugués y aprendí a decir "Oi tia, posso ir ao banheiro?" Entonces ahí ya sé hacer preguntas como: "Oi tia, posso encher minha garrafinha?" Entonces ella me dice: "pode". Y es así como yo aprendo. Bueno, la mayoría fueron los compañeros y las profesoras que me ayudaron, cuando yo no sabía algo, yo les decía, ¿cómo se fala eso? Y así es como yo aprendo más.

🌀 **Sugestão de interação:** Você lembra do seu primeiro dia na escola? Se na sua sala de aula todos falassem línguas diferentes, como você acha que poderiam se comunicar?



Canción

Los Pollitos Dicen

Los pollitos dicen

Pio, pio, pio...

cuando tienen hambre,

cuando tienen frío...

La mamá gallina,

busca el maíz y el trigo

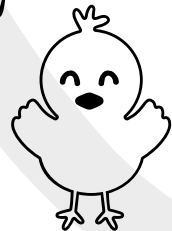
les da comida y les presta abrigo...Bajo

sus dos alas,

acurrucaditos,

duermen los pollitos

hasta el otro día...






La rodilla Samuel

Autores: Dairo, Samuel e José (11 anos)

Era una vez una rodilla llamada Samuel. Samuel tenía un problema. ¡Qué pena, vivía lastimado! ¡Claro que se cayó! Samuel es la rodilla de un jugador de fútbol. Samuel quería aprender el idioma del niño, para decir:



Muchacho! ¡Tenga pena por mí!

Pero cuando el aporreado mejoraba, a Samuel le gustaba correr y saltar. Y él se doblaba y desdoblaba otra vez, pues sabía que hacía su niño feliz. A veces, adivinaba que alguna cosa no estaba bien allá arriba... porque el muchacho se quedaba triste y pensativo. Entonces la rodilla Samuel aprovechaba para hablar con el codo Josué:



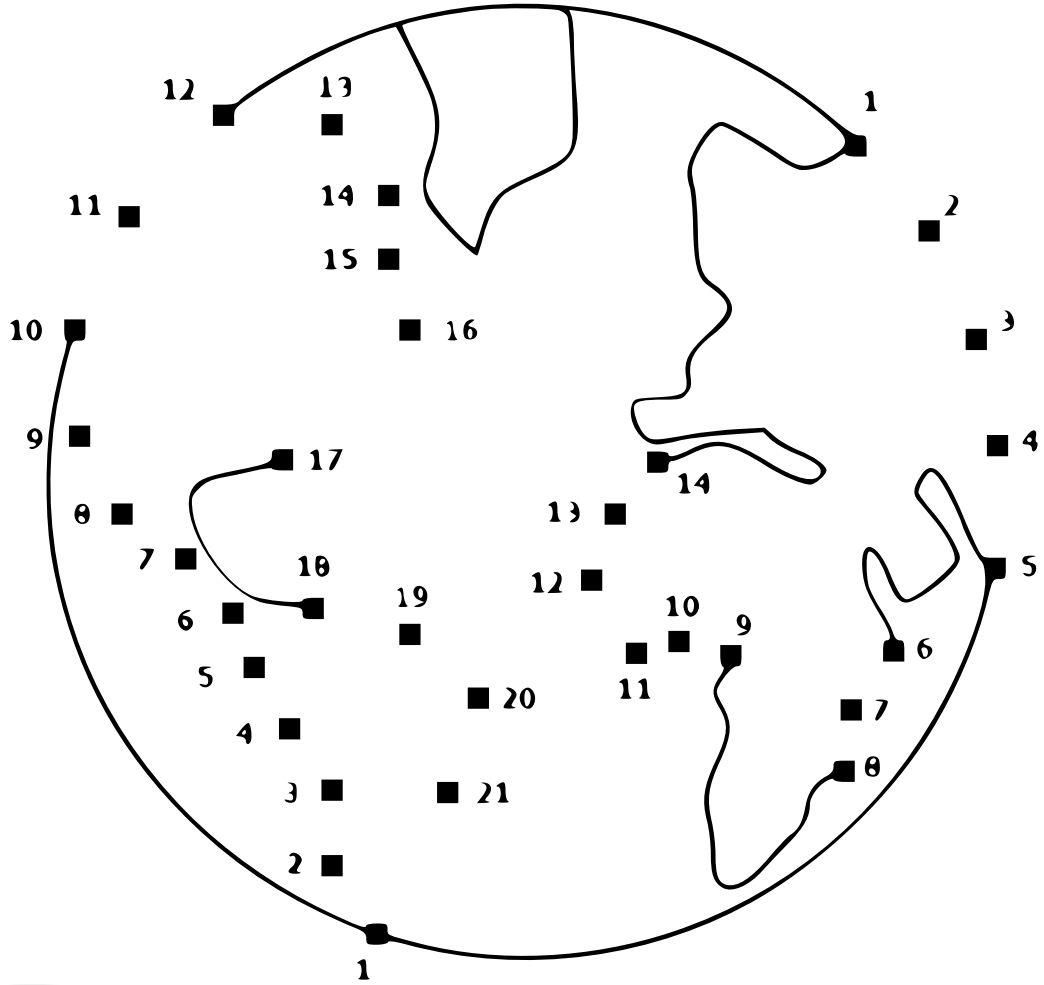
ese dolor ya va a pasar

Un día, todo estuvo oscuro para Samuel. Entonces, él descubrió que el niño había crecido. Y ahora él no usa más short o bermuda, solo usa el pantalón. Por eso Samuel tiene un pedido a hacer: ¿Qué tal crear un modelo de pantalón con dos pequeños huecos para que Samuel pueda ver la vida?

Esta história foi adaptada do livro de Ziraldo "O Joelho Juvenil". São Paulo: Melhoramentos, 1999.





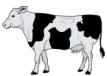




Liga Pontos





Palavras Cruzadas

		A									
		M									
		I									
		Z									
		A									
		D									
		E									

Respostas: 1. Avião; 2. Família; 3. Ônibus; 4. PIZZA; 5. Vacca; 6. Dinheiro; 7. Escola.

Ficha técnica “Pasito a Pasito cruzando fronteras: histórias de crianças venezuelanas”

Universidade de Brasília
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Cênicas
Grupo de pesquisa Imagens e(m) Cena
Rede de Pesquisas Infâncias Protagonistas: migração, arte e educação
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Brasília (DF), Brasil

Equipe editorial

Organização:

Luciana Hartmann

Revisão técnica:

Ivone Marins
Luciana Hartmann
Rocio Bravo Shuña

Editoração:

Ana Luiza Ramos da Silva
Izabella Mendonça Formiga

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação:

Ana Luiza Ramos da Silva
Bruna Camilla Cruz
Izabella Mendonça Formiga

Registro e seleção de Narrativas:

Ana Luiza Ramos da Silva
Débora Cristina Sales da Cruz Vieira
Emily Dutra
Luciana Hartmann
Manuelys Quiaragua
Ruth Rodríguez
Sofia de Oliveira Silva

Equipe de apoio:

Isabella Lima Cordeiro
Luciana Athayde Paz
Perez Souza Farias
Thiago Gomes Cardoso

Tiragem: 50 exemplares

Pasito a pasito, cruzando fronteras: histórias de crianças venezuelanas / vários autores; Luciana Hartmann (organização). Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, 2023.

25p. 20 x 20 cm.

ISBN-13 (15) 978-65-88507-08-7

1..Crianças imigrantes. 2. Narrativas orais. 3. Protagonismo infantil. 4. Arte-educação. I. Rede de pesquisa Infâncias Protagonistas.



Instagram: @infanciasprotagonistas

Facebook: Infâncias Protagonistas

Site: <http://infanciasprotagonistasunb.com.br/>

Youtube: <https://www.youtube.com/@InfanciasProtagonistas>



Ao longo de um ano de parceria do projeto Crianças Protagonistas com a Casa Bom Samaritano, cantamos, dançamos, jogamos, soltamos bolhas de sabão, fizemos origamis, construímos quebra-cabeças, pulamos corda, criamos fantoches, brincamos, rimos — e algumas vezes choramos. Em todos esses momentos ouvimos e contamos histórias. Este livro traz uma pequena amostra das histórias das crianças venezuelanas que passaram pela Casa.



rede
infâncias
protagonistas
migração * arte * educação



FUNDAÇÃO VINCULADA AO MCTI